

A CONSTRUÇÃO CORRELATA ADITIVA NOS SÉCULOS XIX E XX: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CENTRADA NO USO

Tharlles Lopes Gervasio
Dissertação recém-defendida
Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Considerações Iniciais

Na trajetória dos estudos da gramática, podemos observar que, dentre muitas outras, a temática da dependência e independência de cláusulas constitui ainda algo movediço na área em que se insere. Alguns gramáticos apoiam suas análises sobre os mais diversos critérios disponíveis na língua: ora classificam-nos, dicotomicamente, como sintáticos ou semânticos, ora como discursivo-pragmáticos; outros, ao fazerem uso de linhas mais recentes de estudo, optam por mesclar tais critérios.

Uma constatação bastante contundente de nossa afirmação, por exemplo, está no modo como é abordada a correlação pelos estudos gramaticais vigentes. Grande parte dos gramáticos tradicionais – possivelmente influenciados pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)* – sequer a incluiu em seus compêndios de gramática. Assim, em determinado momento, ao consultarmos algumas dessas obras como ferramentas de estudo, observamos que a nomenclatura e classificação do tema em pauta se alterava de gramática para gramática. Isso ocorria principalmente naquelas que levavam em consideração os contextos exteriores ao texto – oral ou escrito –, de onde se originavam.

Recorremos, então, ao material da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), por sabermos que sua análise não se detém apenas às estruturas gramaticais já estabelecidas, mas, muito além, busca-se nela o contexto situacional nos quais esses textos estão inseridos, bem como os interlocutores envolvidos os seus e intenções próprias de cada um deles. Trabalharemos aqui, inicialmente, com a noção de construção, isto é, “um esquema que une forma e função, constituindo-se parte do nosso conhecimento sobre a língua” (CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013. p. 21). Em outras palavras, uma construção constitui um pareamento entre forma e significado (GOLDBERG, 1995).

O presente trabalho se insere numa agenda de estudos que têm por objetivo central o rastreamento da rota de gramaticalização da correlação aditiva. Utilizaremos, para tanto, pressupostos estabelecidos pela LFCU, tendo em vista que suas pesquisas recentes sobre mudança linguística com base no uso na perspectiva da gramática de construções têm resultado numa compreensão mais esclarecedora das relações sintático-semânticas na combinação entre cláusulas, sobretudo, aquelas associadas por meio da correlação aditiva. Finalmente, intentamos, aqui, compreender se as estratégias pragmático-discursivas da atual sincronia da correlação mencionada são as mesmas presentes em sincronias passadas.

A correlação nas gramáticas tradicionais: generalidades

Em termos sintáticos, segundo Cunha e Cintra (2007, p. 608), as orações se classificariam, por uma dicotomia, entre coordenadas e subordinadas. As coordenadas são consideradas “autônomas” ou “independentes”, visto que, cada uma veicula um sentido próprio, não se referindo, pois, a outra oração. Como se pode observar, confrontamo-nos com uma classificação sintática, mas que se utiliza – ainda que de modo sutil – de critérios de ordem semântica. Já no que tange à subordinação, os autores referem-se a ela como sendo orações “sem autonomia” gramatical, ou seja, funcionariam como parte de outra oração dita principal ou matriz. Observamos que, nessa bipartição, não há espaço para se falar em correlação.

Azeredo (2002, p. 155- 156) parece ser um tanto mais “ousado” ao falar que processos sintáticos poderiam compreender três tipos fundamentalmente, incluindo, portanto, além da coordenação e subordinação, a justaposição. Sinaliza, ainda, que a subordinação ocorre, assim como a justaposição e a coordenação, no interior do período sendo um processo sintático. No que diz respeito à correlação, o autor a trata brevemente como um “processo usual na linguagem da argumentação utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas”. Azeredo completa seu postulado dizendo que a correlação seria, na realidade, um “expediente retórico”, usado com vistas a enfatizar o discurso, não sendo, contudo, um processo sintático como os demais já citados.

Também Bechara, em sua *Moderna Gramática da Língua Portuguesa* (2009), não tece considerações muito divergentes das vistas em outros textos de estudiosos tradicionais. Em contrapartida, para ele, estruturas pareadas do tipo “não só... mas (também), não só... mas (ainda), não só... senão (também), não só... que também”, entre outras, tratariam, na verdade,

de recursos da língua denominados “expressões enfáticas”, cuja função seria sugerir uma adição enfatizada (BECHARA, 2009, p. 330).

Luft (2000, p. 47) partilha da ideia de que a correlação, tal como a justaposição, é um procedimento sintático carreado pelos processos de coordenação e de subordinação, chegando a dizer que “não há motivo para classificar a correlação e a justaposição como processos especiais de composição do período. Não que não existam; mas não passam de tipos especiais de conexão que se estabelecem dentro da coordenação e da subordinação”. Ademais, Luft (2000) afirma que a correlação funciona como um recurso de contorno meramente expressivo com vistas a explicitar ênfase no discurso.

Já Garcia (2006, p. 42-55), em sua *Comunicação em prosa moderna*, admite que existem dois processos sintáticos, os quais ele toma como universais, a saber, a coordenação e a subordinação. Quanto à justaposição e à correlação, o autor acrescenta que tais processos são ensinados no Brasil como variantes dos processos principais elencados por ele. Garcia assevera, ainda, que a correlação implica em um enlace de estruturas sintáticas. Caso esse enlace entre as partes da correlação não ocorra de forma correta, devido a uma possível distância entre os termos, pode-se haver uma ausência de paralelismo e, conseqüentemente, uma ruptura da correlação.

Ao buscarmos a categorização dada a respeito do tema em gramáticas de língua latina, tomamos conhecimento de um fato curioso, em uma das obras, a saber, *Gramática Latina* (1989 [1911]), de Almeida. Em seu livro, elencando-as como pertencentes às formações conformativas, Almeida define as “correlativas” como “subordinadas cujo conectivo se prende necessariamente a um termo da principal”; o que nos sugere que, para o autor, as cláusulas correlatas fariam parte de uma hierarquia. Sem fazer qualquer menção ao caráter aditivo das construções em que se notam a presença do par “não só... mas também”, o estudioso ainda sugere que:

Et... et expressão correlativa sem dar mais importância a um do que a outro termo ou oração, e corresponder ao nosso *tanto... quanto*; são expressões sinônimas: **non solum... sed etiam, non modo... sed etiam, non solum... sed uerum:**

Et monere et moneri proprium est verae amicitiae = Tanto é próprio da verdadeira amizade admoestar quanto ser admoestado.

Non solum laudanda virtus est **sed etiam** exercenda = A virtude deve ser não só louvada, mas também exercida (ALMEIDA, 1989, p. 375-376).

Há, no entanto, dentre os mais tradicionais, um trabalho que merece destaque. Referimo-nos à obra *Teoria da Correlação*, de Oiticica (1952), na qual seu autor, embora tenha se apoiado primeiramente em critérios de ordem sintática; num segundo momento,

parece chamar atenção para existência de aspectos semânticos entre as cláusulas portadoras de correlatores – como considera Rosário (2012, p. 3), inspirado por Câmara Jr., em sua tese.

Oiticica parece ter sido um dos primeiros estudiosos nacionais a mencionar em seus estudos que a coordenação e a subordinação tal como são compreendidas pela *NGB* não encapsulam em si a questão de interdependência sintático-semântica que circunda a temática da correlação. Oiticica foi promissor em suas asserções, visto que seus estudos emergem de um período em que o estudo clausal era marcado por relações formais existentes em seu plano estrutural.

Sinteticamente, em sua renomada obra, Oiticica propôs, de fato, um novo modo de visualização das estruturas correlatas como um fenômeno sintático à parte dos demais, isto é, independente de qualquer outro.

Ainda no meio dos tradicionais, vale destacar, também, o trabalho de Melo (1980, p. 152), no qual se compreende a noção de correlação como sendo um processo peculiar e não encapsulado nos processos de coordenação e subordinação. Vejamos, pois, como tal processo é explicitado pelo autor:

Para nós a correlação é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele, dá-se a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo, muitas vezes ocorre como que uma retenção para um salto, a que se segue o salto. (MELO, 1980, p. 152)

Pela citação dada, compreendemos que o autor, embora enquadrado num período em que as pesquisas linguísticas pautavam-se em características formais, ao estudar a correlação dita comparativa, já anunciara ser ela oriunda de “um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência. Dá-se, neste processo, a intensificação de um dos membros da frase que pede um termo” (MELO, 1954, p 121).

Sendo assim, observamos que alguns autores da tradição optam por não considerar a correlação como um processo diferente de estruturação do período, mas consideram-na como parte subjacente aos processos de coordenação e de subordinação. Em outras palavras, esses estudiosos encaram a correlação, na verdade, como uma modalidade da coordenação e da subordinação.

Por outro lado, há autores como Oiticica (1952) e Melo (1954; 1980) que admitem a correlação como processo autônomo e portador de características semântico-pragmáticas e morfossintáticas bastante peculiares que a distinguem da coordenação, por exemplo.

Sinteticamente, podemos depreender, com base nos autores até aqui apresentados, que o uso do processo da correlação revela mais comumente as noções de ênfase, vigor e realce como traços mais gerais. Há um consenso em torno desse traço de ordem semântico-pragmática.

Outros olhares sobre a correlação aditiva

Como o Estruturalismo foi, por muito tempo, uma corrente linguística muito atuante, há uma tendência quase unânime por parte dos mais tradicionais (LUFT, 2000; CUNHA; CINTRA, 2007, entre outros) a rejeitar a correlação no mesmo nível da coordenação e da subordinação, visto que não atenderia à posição dicotômica de Saussure. Razão disso pode residir no fato de que o estruturalismo linguístico foi uma abordagem de análise que definiu diversos acontecimentos da língua com base nas concepções saussurianas de estrutura e de sistema no decorrer de muitas décadas no seio dos estudos acadêmicos.

Por outro lado, também não é pequeno o número de autores que defendem a emancipação das correlatas ante os processos de integração sintática mais comuns (cf. OITICICA, 1952; PAULIUKONIS, 1995; 2001; MÓDOLO, 1999; RODRIGUES, 2001; 2007; CASTILHO, 2002; 2010; ROSÁRIO, 2007, 2012; LIPTÁK, 2009).

Pauliukonis (2001, p. 122), ao falar da obra de Oiticica sobre correlação, já comentada na seção anterior, assinala que as construções correlacionadas pelos operadores *não só... mas também* podem ser relacionadas ao que se denomina “análise polifônica de dois atos de fala instituídos no mesmo enunciado”. Isso se deve ao fato de que, para autora, podemos deflagrar, nesse emprego, um ato de fala que restringe e, concomitantemente, outro ato que inclui, concatenados pelos itens correlatos.

Módolo (1999) propõe uma substituição da dicotomia balizada no estruturalismo – coordenação e subordinação – por uma noção de *continuum*, mais bem acatada por autores da vertente funcionalista. Nesse sentido, a correlação interceptaria esse *continuum* e partilharia traços ora com a coordenação, ora com a subordinação.

Também Castilho (2010, p. 388), ao comentar mais recentemente o estudo feito por Módolo (2008, p. 1094) sobre as construções correlatas, acrescenta que tais fenômenos tendem a aparecer em menor escala no discurso oral. Castilho (*op. cit.*) comenta, de fato, que “as correlatas são comuns no discurso argumentativo” – embora saibamos que há argumentação também na fala.

Rodrigues (2007), também inspirada por Oiticica (1952), ressalta que não há um consenso entre os estudiosos no reconhecimento de certas estruturas adverbiais como

construções correlatas. A autora postula, portanto, que a correlação é um processo sintático peculiar e não um tipo pertencente ao domínio da coordenação ou da subordinação.

Segundo Lipták (2009, p. 10), “correlativas são construções tipologicamente raras entre as línguas do mundo”. E muito embora seus estudos estejam fundamentados em pressupostos gerativistas, distanciando-se principalmente em termos de uma análise cuja exemplificação seja pautada em contextos de uso, como ocorre no nosso trabalho, concordamos quando a estudiosa afirma que o estudo das correlatas é extremamente desafiador.

Rosário (2012), em sua pesquisa com dados do século XXI, chega à conclusão de que, do ponto de vista semântico-pragmático-enunciativo, os pares correlativos aditivos são bem menos prototípicos que a conjunção aditiva por excelência *e*. Valiosa é também a descoberta de que alguns comportamentos sintáticos estão restritos a alguns gêneros textuais, devido à necessidade de maior força argumentativa com o objetivo de realçar ideias *e/* ou alcançar variadas acepções de sentido.

Desse modo, observamos que, muitas vezes, nem os critérios – sintáticos *e/ou* semânticos *e/ou* pragmáticos – que regem as definições nos compêndios são bem delimitados, nem as suas próprias classificações são claras. Evidente é o fato de que a maioria das gramáticas de caráter tradicional disponíveis tende à visão dicotômica de análise. Isso nos permite inferir que as definições, em grande parte dos casos, são precárias, uma vez que não se delimita, por exemplo, até que ponto uma oração é “autônoma” e não necessita de outra para ter seu sentido bem estabelecido.

Temos como ponto de partida a ideia de que a correlação é uma construção peculiar, com características próprias e que constitui um terceiro processo de ligação de sentenças, distinguindo-se dos processos pertencentes ao binarismo coordenação e subordinação ora criticado ora aclamado pelos autores. Consideramos, ainda, a correlação como portadora de matizes semântico-pragmáticos que visam a suprir necessidades conversacionais específicas emergentes da interação.

Breve análise da construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX pautada na LFCU

Respalda-nos na fundamentação teórica explicitada e nas discussões tecidas a respeito da temática da correlação apresentadas, prosseguiremos, agora, à análise das construções correlatas aditivas atestadas no *corpus* pesquisado. Temos como propósito compreender mais claramente a sua força discursivo-pragmática e, ainda, atestar a existência

de efeitos de sentidos peculiares, gerados, propriamente, no emprego de tais construções por meio das duas variedades do português.

Fazemos uso de um *corpus* escrito, embora reconheçamos que elementos presentes em tais dados, em termos funcionais de uso, nem sempre se refletem com frequência no discurso *online*, isto é, decorrente no momento da interação, provavelmente devido à sua fluidez e menor tempo de elaboração (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 45; GIVÓN, 1993, p. 13).

Reconhecemos como evidente a força ilocucional nas construções correlativas aditivas – as quais constituem nosso objeto de estudo, já que nas cláusulas combinadas através da construção correlativa aditivo do tipo “não só... mas também/ como também¹”, por exemplo, o emissor tem de fazer um maior esforço cognitivo para compreensão do enunciado nelas veiculado. Vejamos os exemplos dos séculos XIX e XX:

(1) Chegou finalmente o momento da vossa maior ventura ou da vossa maior desgraça. O tremendo, e respeitavel passo que ides dar, decidirá **não só** da vossa sorte actual, **como também** decidirá da prosperidade ou decadencia das gerações futuras.

(VARPORT, XIX, E-P-81-Je-007)

(2) As razões prendem-se **não só** com a concorrência dos países de Leste e do Sudoeste asiático, **mas também** com a valorização do escudo, que torna menos competitivos os têxteis portugueses, e a indaptação tecnológica (...)
(CORPUS DO PORTUGUÊS, XX, Trabalho a prazo)

Observamos nas ocorrências (1) e (2), que o tal esforço cognitivo decorre do fato de que, embora haja exclusão/ restrição (não só) presente na prótase; na apódase há, no entanto, uma inclusão (mas também/ como também). A força persuasiva expressa através da correlação nos momentos pragmáticos-discursivos/ contextos exemplificados não teria sido a mesma, caso sua coesão, em (2), por exemplo, fosse formada pelo conectivo aditivo “e”, dando origem a uma possível combinação como: “As razões prendem-se com a concorrência dos países do Leste e do Sudoeste asiático e com a valorização do escudo (...)”. Essa constatação endossa a ideia proposta por Hopper & Traugott (2003: p. 126) quando afirmam

¹ Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 893) adverte que há uma proximidade entre as construções comparativas e aditivas, dando os exemplos: *Maria TANTO chora QUANTO ri = Maria NÃO SÓ chora COMO ri*. A autora ressalta que, sintaticamente, “as aditivas são coordenadas, enquanto as comparativas são interdependentes, semelhantemente às demais construções adverbiais (temporais, causais, condicionais, concessivas, finais).

que novas construções gramaticais emergem na língua para darem conta de necessidades funcionais.

Observamos, portanto, que ao usar os “correlatores”, o emissor já na prótase orienta o receptor a respeito de algo a ser acrescentado na apódase, tal como se observa em:

(3) Se procedessemos ao balanço do Mundo nestas entradas de 1950, **não apenas** como qualquer cuidadoso comerciante ao seu negócio, ou prudente agricultor à sua lavoura, **mas como** um frei guardião ao seu convento, computando perdas e ganhos nos sectores da matéria e do espírito, que acharíamos nós de singular ou que mais requeresse a nossa atenção?
(VARPORT, XX, E-P-93-Je-001)

Raciocínio similar se faz presente na obra estrangeira *A University Grammar of English*, de Quirk e Greenbaum (1980, 261) os quais, ao tratarem da temática dos pares correlativos, ressaltam que o uso do par correlativo aditivo *not only* (não só)... *but also* (mas também) pode gerar um efeito mais dramático na interação, sobretudo nos exemplos em que *not only* (não só) se mostra numa posição inicial, “com conseqüente inversão sujeito-operador”². Como se ilustra em:

(4) Nesse modelo, está sintetizada toda a debilidade do capitalismo. **Não só** os EUA foram atingidos com a quebra de sua Bolsa, **mas também** a Europa (que viu os créditos estrangeiros chegarem ao fim) e a América Latina (cujos países não tinham mais (...))
(CORPUS DO PORTUGUÊS, XX, Crise de 1929)

Vejamos, agora, outro exemplo que nos chamou muito a atenção, datado do século XX, retirado do corpus *Varport*:

(5) O vultoso investimento financeiro que vai fazer-se em obras de hidráulica agrícola trouxe ao plano da mais flagrante actualidade a situação das obras que desde 1938 nesse sector do fomento nacional se efectuaram ou estão em curso. É que **não só** o custo das obras feitas excedeu largamente as previsões iniciais; **também** não houve conveniente aproveitamento, por defeitos de execução, falta de estudo sério dos preços e de um plano de cultura.
(VARPORT, XX, E-P-93-Je-003)

No dado contexto, observamos que a construção “não só... Ø também” – em que Ø indica a ausência do opositor “mas” – imprime ao discurso não apenas a noção de adição,

² “A more dramatic effect is achieved by positioning *not only* initially, with consequent subject-operator inversion.”

acréscimo de itens ou ideias numa relação binária prótase – apódase. Muito além, as cláusulas ali combinadas pelos correlatores parecem estar ligadas semanticamente a todo período anterior (“O vultoso investimento financeiro...”), como que se quisesse fazer-lhe uma retomada em forma de explicação, alargamento daquela ideia. Curiosamente, em (5), a construção correlativa aditiva é antecedida, em termos sintáticos, pela forma verbal “é” + conjunção integrante “que”, considerado por diversos gramáticos como subordinador por excelência.

Cogitamos, ainda, que inovações se deram no esquema da correlação aditiva prototípica “não só... mas também”, provavelmente, devido ao conhecimento, o qual, assim como a língua, não é fixo e imutável, como se observa em (6) e (7), dados do século XX do Português Europeu e Brasileiro, respectivamente, nos quais percebemos uma elipse do primeiro termo “mas/ como” da segunda parte do par correlativo. Vale ressaltar que, embora os usuários tenham omitido parte do introdutor da apódase, os sentidos, nas cláusulas em pauta, são completamente recuperáveis do ponto de vista textual, não interferindo, portanto, nem em sua coesão, nem em sua coerência:

(6) (...) **não** existem **apenas** os professores oficiais, que os ensinam, e os pais, que lhes exprimem o seu desgosto quando eles são portadores de notas más. Ha **tambem** os explicadores (...)

(VARPORT,

XX, E-P-92-Je-003)

(7) Entretanto **não só** as classes trabalhadoras por mais modestas da sociedade têm aproveitado da vantagem da colligação de esforços para a mesma causa. Outras classes, **tambem** até mesmo aquellas que representam o capital, nem alcançando o maior proveito com os movimentos aggremiadores.

(VARPORT, XX, E-B-91-Je-004)

Bybee (*apud* TRAUGOTT & TROUDALE, 2013: 47), a respeito do fator empírico, diz que “central para a posição baseada no uso é a hipótese de que instâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua”³, isto é, para a estudiosa, o uso atrelado ao conhecimento favorece a compreensão que se tem da língua, seja no âmbito do estudo sincrônico, seja no âmbito do estudo diacrônico.”

³ “Central to the usage-based position is the hypothesis that instances of use impact the cognitive representation of language.”

Vejamos mais exemplos:

(8) (...) E daqui nasce um dilúvio de acusações, quasi todas falsas, que **não só** encheram os jornaes, **mas até** foram vergonhosamente soar no recinto das cortes (...)

(VARPORT, XIX, E-P-81-Je-002)

(9) Nas comédias anteriores não há nenhum lugar em que Alcmena veja ao mesmo tempo os dois Anfitriões, e isto **não só** era necessário para prolongar e justificar os equívocos, **mas até** o exigia a verossimilhança, porque, desde que Alcmena chegasse a ver juntos os dous exemplares exatos do marido, saía da boa fé que serve de fundamento à sua ilusão, para cair no maravilhoso e no inextricável. E é justamente o que acontece na comédia do judeu.

(CORPUS DO PORTUGUÊS, XIX, Relíquias da Casa Velha)

Curiosamente, a ocorrência do item “até” no par correlativo “não só... mas até”, tanto em (8) como em (9) corroborou para o nosso entendimento da asserção de Traugott & Troudale (2013: 53) quando os autores dizem que:

Em qualquer evento de uso, o par falante-ouvinte é assimétrico. Sendo assim, faltantes e ouvintes não necessariamente processam a língua de modos similares, embora possam. (...) Falantes e ouvintes usam esquemas que trazem consigo pareamentos de forma e significado mais específicos os quais o usuário da língua percebe como sendo instanciações de um type mais geral (Grifo nosso).⁴

Segundo Cavaliere (2009, 39), cunhando o termo “operador argumentativo” para se referir à palavra “até”, o estudioso sinaliza que, ao fazer a escolha de tal termo para seu estudo, como contemplamos tanto em (8) quanto em (9), o usuário intenta, em termos discursivo-pragmáticos, acima de qualquer outra coisa, cativar “a adesão do ouvinte nesse jogo de estratégias que constitui o ato de enunciação.”

Considerações Finais

Como pudemos contemplar por meio de nossa pesquisa em compêndios de gramática tradicional, há muitas disparidades entre os estudiosos no que tange aos critérios de que se utilizam os gramáticos para a diferenciação entre cláusulas coordenadas ou subordinadas. Sabemos, contudo, que muitas vezes, as noções de parataxe ou de hipotaxe transbordam os

⁴ “In any usage event the speaker-hearer dyad is asymmetric. Therefore speakers and hearers do not necessarily process language in similar ways, though they may. (...) Speakers and hearers use schemas that bring together those more specific form-meaning pairings which the language user perceives as being instantiations of a more general type.”

limites da forma e estão apoiada muito mais à questões semântico-pragmáticas em que se deve levar em conta o contexto de fala formado por interactantes, contexto esse que, comumente, não é trazido à baila em análises de caráter estrutural.

Nossa intenção foi demonstrar que as construções correlativas devem ser trabalhadas como um fenômeno não subordinado aos processos de parataxe e hipotaxe, divergindo, portanto, do enquadre dado pelos compêndios de gramática apoiados na *NGB*. Compreendemos, desse modo, a localização da correlação numa posição que intersecciona o *continuum* – tal como proposto por Givón (1990) –, cujas extremidades são protagonizadas pela coordenação e pela subordinação, possibilitando, assim, a observação de nuances ditas pertencentes ora a um processo e ora a outro.

Notamos, também, que as porções textuais em que figuram as construções correlativas aditivas traduzem maior complexidade cognitiva e, por consequência, ocasionam maior esforço cognitivo por parte do interlocutor para adesão desses enunciados. Clark e Clark (*apud* CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 23) assumem que “a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade da expressão.”

Isso está intimamente associado ao caráter icônico da construção no que tange ao subprincípio da quantidade, isto é, quanto maior a quantidade de informação contida em um enunciado, maior será a quantidade da forma de tal construção em dado contexto. (cf. Martelotta, 2008). Logo, os pares correlativos aditivos são bem mais icônicos que o conectivo aditivo “e”.

Fundamentados na Linguística Funcional Centrada no Uso, intentamos, com nosso estudo, integrar sintaxe, semântica e pragmática. Justamente, com base nos pilares esboçados por essa teoria, constatamos, por fim, embora reconheçamos que ainda há muito o que se fazer em nossa pesquisa, através dos dados levantados, que a compreensão semântico-pragmática expressa na relação entre interactantes, tanto do século XIX quanto do século XX, no uso do par correlativo aditivo, só se torna possível pelo fato de tal construção ser interdependente e indissociável.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática Latina*. São Paulo: Saraiva, 1989.
- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Usage-Based Theory and Exemplar Representations of Constructions**. In: HILPERT, M.; HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALIERE, R. *Palavras denotativas e termos afins: uma visão argumentativa*. Niterói: Editora da UFF, 2009.

CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *LINGUÍSTICA CENTRADA NO USO - UMA HOMENAGEM A MÁRIO MARTELOTTA*. RIO DE JANEIRO: MAUAD, 2013.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Base de dados. Disponível em: www.corpusdoportugues.org.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ªed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional typological introduction*. v.2. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1990.

_____. *English Grammar: A Function-Based Introduction*. v. 2 Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1993.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HILPERT, M.; HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, G. C. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

_____. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

MÓDOLO, M. **A estrutura correlativa aditiva “não só... mas também” de uma perspectiva multissistêmica**. *Estudos Linguísticos*. XXXIV. São Paulo: USP, 2005.

_____. **As construções correlatas.** In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. Vol. II.

MOURÃO, E.; FECHUS, G. **O uso dos sinais de pontuação em construções coordenadas do português.** In: DIOS, Ángel Marcos de (ed). *La Lengua Portuguesa.* vol. II. Estudios Lingüísticos. Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 2014.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português.* São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

OITICICA, J. *Manual de análise.* 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

_____. *Teoria da Correlação.* Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

PAULIUKONIS, M. A. L. **A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas.** In: *Scripta.* v. 5, n.9. Belo Horizonte: Editora da PUCMinas, 2001.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica.* São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S. *A University Grammar of English.* Hong Kong: Longman, 1980.

ROSÁRIO, I.C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional.* 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes.* Oxford: Oxford University Press, 2013.

VARPORT. Base de dados. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/varport.

VOTRE, S. (org). *Gramaticalização.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____ *et alii.* *A construção da Gramática.* Niterói: Editora da UFF, 2012.